

# Nórdia Rodrigues: a rapariga que venceu preconceitos

Notícias - Mulher, 10.07.2020, Pág. 02, ed 31.034

## IOCAS ACHAR

MUITAS raparigas enfrentam enormes barreiras para a concretização dos seus sonhos, resultantes de normas sociais que restringem o seu conhecimento e a sua autonomia. A discriminação de género pode lançar bases para uma vida inteira de oportunidades perdidas e um futuro diferente liderado por elas.

Nórdia Rodrigues, residente na localidade de Boroma, no distrito de Morrumbala, na Zambézia, é uma das raparigas que, com apenas 16 anos de idade, venceu preconceitos de uma comunidade machista que advoga, até agora, que as meninas não têm arcaiboço para frequentar cursos técnico-profissionais.

— A rapariga está agora quase a concretizar o sonho de ser agrónoma, pois está no terceiro ano do curso de Agro-Pecuária, na Escola Agrária de Boroma.

Nórdia Rodrigues está numa turma de 25 alunos, dos quais apenas cinco são raparigas. Em conversa com a nossa reportagem, a estudante disse que para frequentar o curso teve de assumir uma atitude proactiva e lutar contra todas as ideias contrárias.

Explicou que o primeiro preconceito a ser vencido foi no seio familiar, uma vez que os seus pais e irmãos mais velhos achavam que era demasiado atrevimento uma rapariga da comunidade de Boroma estudar agro-pecuária. “Por isso mesmo, conselhos para eu desistir deste curso foram muitos, a partir da minha própria família”, conta Nórdia.

Já no ambiente escolar, os seus colegas e alguns professores também diziam o mesmo,



Nórdia Rodrigues lavando as mãos numa máquina “tip-tap”

alegando que o curso de agro-pecuária não é para mulheres.

Segundo conta, teve de se reinventar várias vezes para suportar a linguagem estereotipada com que era feita a abordagem sobre a sua escolha no seio familiar. “A minha família só mudou de opinião quando se apercebeu que eu não estava na escola para brincadeiras, porque apresentava boas notas”, disse, acrescentando que vendo os resultados positivos, a família começou a encorajá-la e a acarinhá-la, incluindo a disponibilizar material escolar.

A expectativa de toda a família é que Nórdia tenha a sua graduação em Março do próximo ano, tornando-se uma das cinco raparigas da sua comunidade a fazer um curso técnico. A entrevistada viu as aulas

interrompidas por conta da Covid-19, mas ainda alimenta a esperança de voltar a sentar-se na carteira, para concluir o seu curso.

Em tempo de quarentena, a rapariga reserva, depois dos afazeres domésticos, algum tempo para estudar com base nas fichas. Explica que a informação sobre a Covid-19 na sua comunidade continua escassa, o que leva as pessoas a fazerem várias interpretações.

“Cheguei a dedicar-me à machamba, porque tinha perdido o ânimo de continuar a estudar”, confessa Nórdia, salientando que graças aos membros do comité de água de Boroma, criado pela Visão Mundial-Moçambique, passou a ter conhecimentos desta pandemia e a saber como pre-

venir-se dela.

Os professores que conversaram com a nossa reportagem afirmaram que a rapariga tem um bom desempenho escolar comparativamente à maioria dos rapazes seus colegas. Paulo Luciano, um dos professores na Escola Agrária de Boroma, disse que a rapariga vem surpreendendo, desde o ano passado, pelo seu **comprometimento** e compromisso em materializar o seu sonho.

O director da Escola diz que Nórdia pode ser modelo e referência para as outras raparigas, numa comunidade onde a desistência escolar, sobretudo feminina, é muito alta. De acordo ainda com a fonte, a partir da 5.ª classe, o número de raparigas começa a diminuir, apesar das sucessivas campanhas de

mobilização social.

A Visão Mundial tem vindo a usar o exemplo daquela rapariga para falar do novo coronavírus nas comunidades de Morrumbala, o que tem influenciado outros grupos ou segmentos sociais à mudança de atitude. Para a higienização das mãos, com o apoio da Visão Mundial, as comunidades têm vindo a produzir “tip-taps” para a lavagem das mãos.

“Eu própria já ando a mobilizar outras meninas a seguirem todas as medidas de prevenção da pandemia, tal como me ensinaram”, disse Nórdia, acrescentando que, ultimamente, reserva pelo menos duas a três horas por dia para rever a matéria e fazer todos os exercícios recomendados pelos professores.